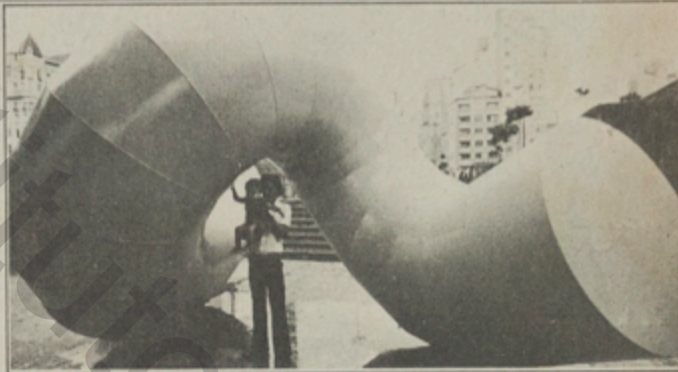
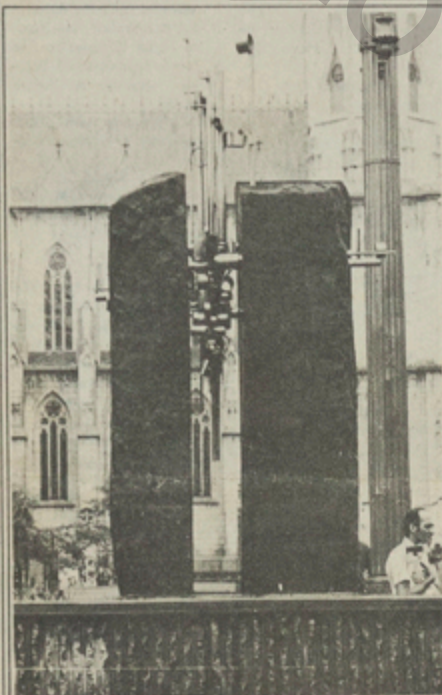


Divirta-se

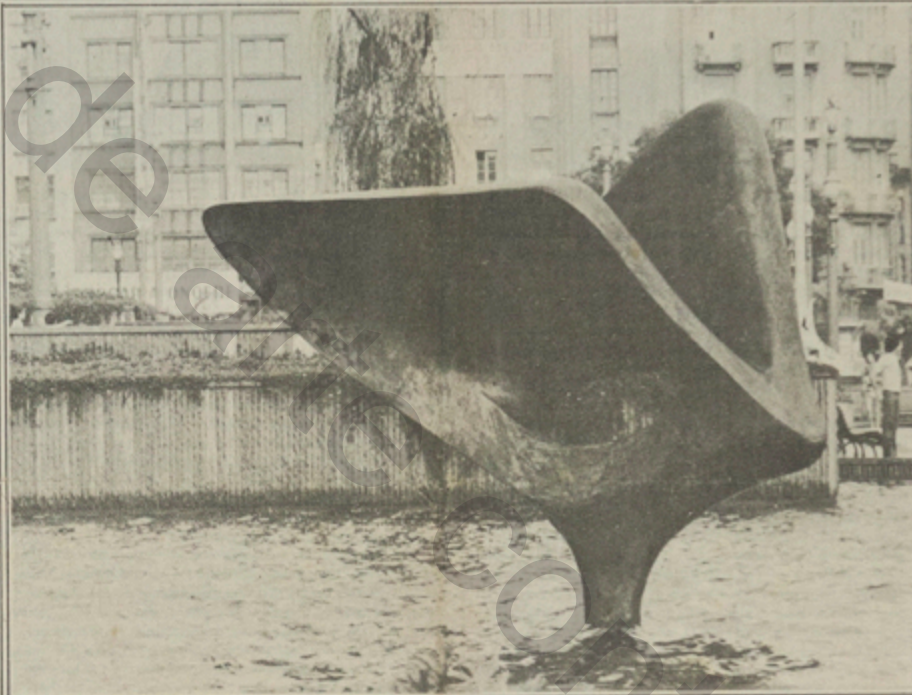
A escultura de Marcello Nitshe tem o valor de uma notícia sensacionalista. Na verdade, embora tenha ganho o nome de garatuja, não passa de uma pobre tubulação. Um resíduo de formas sem valor filosófico, formal, artístico.



Esta é mais uma das formas despojadas de Amílcar de Castro, saída da geometria concreta. Um trabalho rigoroso, de alta definição formal e que resolve o espaço interno e externo da escultura com eficiência cirúrgica.



Stokinger: dramático e lírico.



Bruno Giorgi: um dos 14 escolhidos para a praça.



Ascânio M.M.M.: banal e redundante.

Uma praça da escultura brasileira? Talvez. Mas não da melhor escultura.

Certamente era uma temeridade imaginar que Marcello Nitshe fosse um escultor. Mas a temeridade era tão fatal que ainda serviu para escolher autores como Rubem Valentin, Ascânio M.M.M. e José Resende. Estes artistas, de méritos tão discutíveis, por força desta escolha, foram qualificados tacitamente como entre os melhores do Brasil! Pretendeu-se para a praça da Sé, com as suas novas 14 esculturas, uma situação única entre nós, a de uma praça de arte, a Praça da Escultura Brasileira. Os resultados, entretanto...

Foram apenas medianos. Limitou-se a praça da Sé a conter algumas esculturas, feitas sob encomenda (ao custo de 7 milhões de cruzeiros) de qualidades variadas. É verdade que ainda faltam algumas: a de Domenico Calabrone, a de Rubem Valentin e a de Mário Cravo Jr. Justamente alguns, sobre os quais pesam as maiores desconfianças. Calabrone, um escultor de qualidade comprovada, infelizmente realizou uma escultura de grande formato na praça dos Franceses (rua dos Franceses) de qualidade duvidosa. Mário Cravo Jr., outro escultor de bom currículo é de uma irregularidade constregeadora. Espera-se que, esta vez, seja uma escultura dos "bons momentos". E Rubem Valentin nunca foi capaz de provar que poderia criar uma forma no espaço. Mas como 11 das peças estão colocadas e esta é uma exposição permanente da cidade, a crítica já é possível.

Ascânio M. M. M. continua a sua terrível faina de copiar as figuras geométricas dos compêndios escolares. Este artista acredita excessivamente na teoria da apropriação: o artista ao apropriar-se de uma forma, social ou da natureza, e colocá-la noutro contexto, a torna obra de arte e de sua autoria. Esta é uma experiência antiga da arte japonesa e, como informação suplementar para a juventude, houve a atitude de Marcel Duchamp e do objeto encontrado. Mas isto já tem tantos e longos anos que, esperava-se, o escultor Ascânio M. M. M. finalmente resolvesse trabalhar. A sua escultura na praça, mais uma

vez, é uma figura geométrica dos compêndios de arquitetura. Trata-se de uma peça banal. Redundante.

José Resende cometeu um supremo crime contra a paisagem ao estender uma enorme parede cega inclinada sobre o espaço. Cortou o horizonte, impediu a visão de fora para dentro e de dentro para fora. Não houve qualquer integração ao ambiente, qualquer proposta, qualquer acréscimo. Aparentemente o artista utilizou-se de uma idéia de Christo, um artista de vanguarda, que fez a mais inútil e custosa das obras e experiências que se tem notícia. Christo estendeu, por quilômetros e quilômetros, uma cortina. Com isto provou a capacidade de organização dos Estados Unidos, atrapalhou todo mundo e não fez nada mais do que realizar uma idéia infeliz. Foi esta infelicidade, tudo leva a crer, que inspirou José Resende. Agora está lá, até que um terremoto nos livre dela, aquela parede negra, cega, grosseira, estendida diante de nossos olhos e obstruindo a visão possível. Uma parede na praça.

Marcello Nitshe mais uma vez foi a notícia de um dia. A sua escultura tem o valor da notícia sensacionalista. Trata-se de uma grande tubulação, uma forma ondulante e pintada de amarelo. Ela foi chamada de garatuja para uma possível explicação teórica. Na verdade, não é nada senão uma pobre tubulação. É um informe pintado de amarelo. Um resíduo das formas já fornecidas pela indústria e pela engenharia. Não tem valor filosófico, formal, artístico. A escolha de Marcello Nitshe foi uma temeridade...

Nicolas Vlavianos é um artista de comprovada eficiência. O seu trabalho tem sido uma contribuição e o artista, com sólida formação tecnológica, elabora sobre formas orgânicas e estruturais. A sua presença na praça é apenas justiça. Entretanto, desta vez, Vlavianos não foi feliz. A sua escultura, nuvens, utiliza o grande formato e joga com texturas. A forma é extremamente simples e a pretensão é impor-se através destas textu-

ras que, imagino eu, pretendiam criar uma atmosfera lúdica. Infelizmente, o recurso da textura, mais comum na área pictórica, não trouxe maiores benefícios para a escultura e a sua qualidade perde para um acento no decorativo.

Caciporé Torres é um escultor de méritos. Talvez seja a afirmação escultórica mais vigorosa dos últimos anos. A sua escultura de grande formato no Shopping Center Ibirapuera é uma impressionante experiência de escultura integrada a um espaço arquitetônico, cumprindo um papel de forma e decoração. E a sua escultura na praça da Sé vem confirmar os méritos deste artista. Ela estabelece um diálogo entre uma curva e uma reta no espaço. O diálogo se realiza de forma sutil, com a leveza da forma superior se contrapondo à rigidez da forma inferior e do próprio tratamento da matéria. O brutalismo, que caracteriza as esculturas de Caciporé Torres, encontra uma contrapartida na delicadeza da curva.

Sérgio Camargo alcançou um tal nível de excelência entre nós que a sua é uma presença sempre grata. A longa carreira de escultor foi enriquecida pela qualidade da produção e a liderança que assumiu na elaboração de formas escultóricas obedece ao primado de uma coerência formal e um pensamento contemporâneo. A sua escultura, nesta Praça, é um grande bloco de mármore onde os sinais negativos e positivos, o dentro e o fora, estabelecem uma linha melódica e de condução do olhar. Há a permanente surpresa do jogo visual. Esta escultura enriquece a cidade com a visão clara e límpida de um artista no exercício de sua maturidade.

Toyota utilizou a tecnologia para criar uma grande forma recurva e refletora, convexo e côncavo, que reflete a praça e, ao mesmo tempo, tem uma estruturação formal definida. O trabalho está na linha de pesquisa que o artista vem realizando há vários anos. A sua escultura ainda oferece o dado

lúdico do manipulável e representa a participação possível do público. É uma peça escultórica bastante representativa de um pensamento artístico que procura a utilização da tecnologia e a incorporação do ambiente através do reflexo do espelho.

Amílcar de Castro criou mais uma de suas formas despojadas e oriundas da geometria concreta. É um trabalho rigoroso, de alta definição formal e que resolve o espaço interno e externo da escultura com eficiência cirúrgica. A sua presença, dado o seu pequeno número de peças conhecidas, era uma incógnita, felizmente respondida com singularidade e qualidade pelo artista.

Felícia Leirner, uma escultora que é verdadeiro patrimônio cultural na cidade por sua grande contribuição, está presente com uma das suas formas mais amadurecidas. Um grupo de figuras, pássaros, delicado e suave, harmonizando-se com o ambiente e com a possível proposta que motivou este conjunto escultórico: melhorar e elevar o nível do convívio público.

Francisco Stokinger superou, em muito, as suas últimas realizações. Escultor de grande instinto dramático, ele produziu, nas duas últimas décadas, algumas das esculturas de maior impacto público. Entretanto, aparentemente, faltavam novos estímulos ao artista, o que foi representado pela praça da Sé. A sua escultura, ainda usando a temática dos guerreiros, é uma bela presença. O artista conjugou metal e pedras, criou um conjunto dinâmico, dramático e, surpreendentemente, lírico, onde a agressão guerreira é mesclada por sofrimento e meditação. Acreditado que este seja um feliz momento da trajetória de Xico Stokinger.

Resta agora esperar pelas esculturas de Rubem Valentin, Mário Cravo Jr., Domenico Calabrone e de Franz Weisman. Ocasão de nova consideração.